O capitalismo, a aristocracia e a crise

O capitalismo é um fenómeno com muitas faces e difícil de entender, até porque há muitas (todas) as ciências sociais que o desvalorizam ou negam – como forma ideológica de evitar “maus” pensamentos.

Os peritos em capitalismo, porém, são frequentemente intrujas como os cientistas sociais. O que deixa cada um com a responsabilidade de entender o que quiser entender por sua conta e risco. Aprendendo com o que dizem e escrevem os outros e comparando com a sua própria experiência. E descobrindo como as ideologias escolares fazem este mundo em que vivemos.

O capitalismo, pois, é aquilo que se faz (nas fábricas e nos mercados capitalistas, por exemplo) e aquilo que se diz (basta ligar a televisão), mais aquilo que não deixa fazer nem dizer (desorganizando toda a forma de acção e conhecimento que se lhe oponha).

Do ponto de vista da vida das pessoas o capitalismo aparece como uma possibilidade de promoção social (autonomia relativamente à imprevisibilidade do clima e organização racional da vida, como nos países centrais comparados com o caos nas periferias). Nessa direcção se organizam migrações e se sacrificam trabalhadores para alimentarem as respectivas famílias nos países de origem, sem o que não sobreviveriam. Também em Portugal, nos últimos anos, o prestígio do capitalismo compara-se com a miséria do nacional catolicismo com arengas fascistóides. Nos países de Leste comprou-se com a falta de liberdades e com a confusão dos emaranhados de poderes administrativos a atropelarem-se uns aos outros.

Comparado com outros “cavalinhos”, porque não o capitalismo? Até os partidos de esquerda e extrema-esquerda se renderam ao capitalismo. Só o Victor é que não.

A aristocracia

A mim o que me parece é que o problema não é económico nem político. É um problema moral: ao fim de mais de duzentos anos depois da Revolução há muita gente (a maioria das pessoas) à espera que alguém decida o que será a identidade social de cada um e de si mesmo. Se dizem que vivemos acima das nossas possibilidades, a malta sacrifica-se. Querer tomar o destino das mãos continua a ser (mesmo para muitas pessoas revoltadas e activistas) algo de inconcebível. Continuamos dominados pela metafísica e a Razão endeusada pela Revolução está presa nas universidades, em lugar que ninguém lá chega.

A aristocracia (as pessoas que vivem de rendas e não se relacionam directamente com a exploração capitalista, como os profs, profissões liberais, magistrados – polícias são uma versão degradada da aristocracia – militares, dirigentes do estado e das empresas) passou a estar encoberta pelas ideologias burguesas e proletárias (quem organizou e explorou as revoluções proletárias foram aristocracias, não forma?). Hoje não imaginamos quem sejam os aristocratas nem qual seja o seu papel na sociedade. Mas também não sabemos o que lhes aconteceu após a revolução. Tudo se passa, nas nossas representações históricas e teóricas da vida social, como se tivesse ocorrido um genocídio das aristocracias europeias quando o Luís XVI foi decapitado com a sua Maria. Os aristocratas passaram à clandestinidade – e com ele as conspirações, as guerras, as prisões, a justiça, os saberes sociais, etc.

A manifestação de 15 de Setembro de 2012 foi a manifestação dos aristocratas e dos aspirantes a aristocratas que pensaram poder ser promovidos por mérito (“são a geração mais bem formada de portugueses de todos os tempos”) e perceberam que a aliança entre a burguesia e a aristocracia ia deixá-los apeados das migalhas com que o capitalismo tem comprado os seus serviços.

A crise

Os aristocratas precisam da boa vontade dos capitalistas para receberem as suas rendas (salários dos corpos especiais da função pública, isenção de impostos para as profissões liberais, pré da tropa, por exemplo). Quando o capital manda os seus políticos atacar os privilegiados e os subsídios, ele não está a pensar nos burgueses (empresários e seus amigos) mas sim na aristocracia. Na aristocracia dispensável (porque em Bruxelas os funcionários não pagam imposto, aumentam de salários e reformam-se aos 50 anos). Ao atacar o Estado está sobretudo a atacar as aristocracias instaladas pelo Estado Social, cuja legitimidade é a saúde, a educação e o amparo na velhice das populações, tornadas inertes pelas doses maciças de anestesias e psico-fármacos (além do futebol e TV).

Ora, a aristocracia sou eu e os meus colegas e mais os colegas de outras actividades estatais e empresariais de tipo intelectual. Aqueles que mais ganharam com a abertura do regime ao mundo, à internacionalização e ao euro. Mas que continuam preguiçosos, envergonhados e sempre dispostos a receber mais dinheirito por qualquer serviço. Estamos assustados mas orgulhosos das nossas “competências”. Dizemos mal do regime mas vamos organizar-nos para que ele nos dê o favor da sua atenção: “Até a um cão se responde!”

Portugal foi um dos países escolhido para bode expiatório para a classe dominante apanhada de surpresa em 2008. O capitalismo não precisa de nos esmagar – ele tem a Itália e a Espanha com que se preocupar. Mas nas presentes condições não quer continuar a reconhecer na aristocracia portuguesa um parceiro: pagará apenas ao capataz (a classe política, que deve emagrecer, isto é sair mais barata) que for capaz de dar as chicotadas que nestas ocasiões sempre se mostram necessárias (os povos têm o mau hábito de não morrem em sossego).

O que fazer?

A aristocracia portuguesa está (outra vez) dividida entre os estrangeirados e os saloios (isto é, aqueles que vivem como as moscas à volta da luz que as irá matar, assim os saloios se agitam à volta de S.Bento). Os estrangeirados, por sua vez, dividem-se entre os traidores (que estão vendidos a uma carreira de funcionário internacional, no estado, na banca ou numa das grandes empresas multinacionais) e os otários (que acreditam na meritocracia e na vitória automática da racionalidade sobre o poder de mandar).

Na minha maneira de ver, gostaria de me apresentar como otário renascido para me dispor a juntar-me com os saloios e viver com eles as desilusões da água que bate em rocha dura. Sem ilusões mas também sem esperança a não ser a da conversão destas franjas da aristocracia aos interesses populares que um dia, em Portugal ou noutra parte da Europa, irão tornar-se claros nas respectivas expressões. A força do povo está anunciada no direito – e na sociologia e economia originais. Dele dizem que é o soberano. E quem não respeita o soberano pode esperar por fortes reacções deste. (Como ocorreu em todas as revoluções, que o são precisamente por isso: o povo exprimiu-se com energia e determinação. Mas infelizmente sempre disposto a deixar-se convencer).

Tratar de construir as ligações de confiança pessoal entre as aristocracias não traidoras e os populares é a tarefa principal a realizar. E que os “movimentos sociais” estão longe de ter sequer começado a realizar.

APD, 2013-01-15